

A CENA DO PENSAMENTO E DA LITERATURA CONTEMPORÂNEA NA TRAMA DE *DESENREDO*, DE GUIMARÃES ROSA

Ac. Marcelo Henrique da Silva (Letras-UFSJ)

Resumo: Este artigo tem por objetivo apresentar algumas considerações acerca da leitura do conto *Desenredo*, de Guimarães Rosa, destacando elementos de sua escrita, que serão tratados à luz das questões existenciais que têm composto a cena do pensamento contemporâneo sobre o Homem na sua relação com o Mundo. A linguagem rosiana, palco em que se dramatiza a problematização da existência humana, estará sendo considerada sob o aspecto do diálogo de uma multiplicidade de textos que inscreve a tradição bíblica, literária, crítica e filosófica.

Palavras-chave: Existência, Homem, Literatura.

Abstract: This article aims to present some considerations about Guimarães Rosa short story *Desenredo*, pointing out some elements of his work related with existing questions which made up the contemporary thinking scenery about the man in relationship with the world. Guimarães' language will show the problem of human existence and also will consider the dialogue between a large variety of texts which treat the biblical, literary, critic and philosophical traditions.

Key words :Existence, Man, Literature.

Guimarães Rosa foi um escritor dedicado especialmente às narrativas que têm como objetivo essencial o homem. Esse homem que inicialmente é ligado ao sertão extrapola os limites do regional e universaliza-se, destruindo a mera documentação dos valores locais e do pitoresco da paisagem. Suas questões humanas universais: o amor, o ódio, a vingança, o ciúme e a traição, se inserem dentro das personagens sertanejas e se fundem num drama atemporal.

Nessa perspectiva, priorizamos a rede intertextual que se estabelece no conto *Desenredo* com elementos da tradição bíblica – (Adão, Eva e Jó), da tradição literária (Machado de Assis – Capitu; Homero - Ulis-

ses), e da tradição do pensamento filosófico (Platão – o mito da caverna). Ou seja, o literário será aqui entendido como um espaço de cruzamento de vários saberes, como espaço de discussão do pensamento contemporâneo sobre o Homem na sua relação com o Mundo, ressaltando o aspecto da problematização da existência, que toma a linguagem como palco de sua dramatização.

A obra rosiana valoriza a dimensão da oralidade da narrativa popular, bem como o modo lúdico e laborioso de contar desmanchando, que desperta no leitor ressonâncias sutis de “causos” e estórias já narradas da tradição literária. Isto se deve à mistura de temas, tempos,

processos lingüísticos e formas caracterizadas no seu processo literário.

O conto *Desenredo* acentua o poder da narrativa de contar o vivido, e, sobretudo, o poder de modificar, reelaborar e inventar o real. Trata-se da história da personagem Jó Joaquim, amante de uma mulher casada: Livíria/Rivíria/Irvília. Um dia, o protagonista fica sabendo que ela tem um outro amante.

Decepciona-se: *“Imaginara-a jamais a ter o pé em três estribos”* (ROSA.1982:pág.81) O marido traído mata o segundo amante, foge e acaba morrendo numa situação que o texto não ilumina. Jó Joaquim casa-se, então, com a mulher. Mas, ao surpreendê-la com outro, expulsa-a. No entanto, fica tão triste que opera, transforma o passado: “Nunca tivera ela amantes! Não um. Não dois.” (ROSA.1982:pág.81) Jó Joaquim, reconstrói o passado da amante, depois esposa-adúltera, apagando sua traição e restaurando a imaginária e desejada felicidade conjugal, aos olhos da “vigilante aldeia”, ou seja, ele inventa o desmanche da traição pelo mesmo processo que estigmatizara a mulher: por negativas, inversões e infinita paciência, recuperando cenas do passado, apoiando-se em desvios da lógica Aristotélica, em rupturas com a cronologia dos fatos e em reinscrições populares.

O pacto narrativo proposto no conto desempenha um papel contraditório à medida que se constrói expressamente como possibilidade de destruir a intriga que a própria narrativa apresenta como verdadeira

ao leitor. Os motivos “tricotados” na trama discursiva “desenredam-se”.

Sumiram-se os pontos de reticências, o tempo secou o assunto. Total o transato desmanchava-se, a anterior evidência e seu nevoeiro.¹

Daí o significado do título *Desenredo*: prefixo de negação “des - + enredo” s.m.: intriga, mexerico, conjunto dos incidentes que integram uma obra ficcional, percebido no sentido de desfazer, reconstruir, reinventar tramas ou estabelecer novos desfechos, novos rumos ou suspensões inesperadas. A verdade é que este nosso “palco” guarda uma grande quantidade de significações, uma multiplicidade de fontes e formas literárias que dialogam entre si, enriquecendo e alimentando o desenlace narrativo. Como por exemplo, “O mito da caverna”, de Platão. Segundo o filósofo grego, a idéia inata, os arquétipos – isto é, o real – são projetados no mundo das sombras da caverna onde vivem os homens que nelas acreditam como sendo a realidade. Mesmo não sendo o real, os reflexos dele (real) participam como cópias do arquétipo de que guardam os traços. As coisas participam da Idéia, como se o erro fosse o caminho para a Verdade. É o que nos diz o prefácio do livro *Tutaméia*:

O erro não existe: pois que enganar-se seria pensar ou dizer o que não é, isto é: não pensar nada, não dizer nada.”– proclama genial Protágoras; nisto, Platão é do contra, querendo que o

¹ BRAIT, Beth. *Guimarães Rosa: Literatura Comentada*. Ed. Abril Educação. 1982.p.82.

erro seja coisa positiva; aqui, porém, sejamos amigos de Platão (...) ²

E é isto que Jó Joaquim faz ao longo da narrativa, consciente do caminho às avessas que está tomando pra atingir a felicidade tão desejada:

Desejava ele, Jó Joaquim, a felicidade – idéia inata. Entregou-se a remir, redimir a mulher, à conta inteira. Incrível? É de notar que o ar vem do ar. De sofrer e amar, a gente não se desfaz. Ele queria os arquétipos, platonizava. Ela era um aroma. ³

Uma outra relação que pode nitidamente ser percebida no texto é com a personagem Capitu de Machado de Assis. Irvília guarda semelhança com os traços sedutores de Capitu: “os olhos de viva mosca, morena mel e pão (...)” (ROSA. 1982: pág.81) reescrevem os “olhos de ressaca” (ASSIS. 1959: Pág.110), “de cigana oblíqua e dissimulada” (ASSIS. 1959: pág.109) da personagem machadiana. Pode-se perceber ainda, a citação de personagens do discurso bíblico nas personagens de Guimarães Rosa, a exemplo de Irvília, uma outra Eva, que reitera a causa da perdição humana: “Com elas quem pode, porém? Foi Adão dormir, e Eva nascer”. (ROSA. 1982: pág.81). Enquanto que a personagem masculina nos remete à figura de Jó, que se transformou no objeto de uma aposta entre Deus e Satanás e cuja história coloca o problema do mal que, atingindo o justo, o convi-

da a inclinar-se contra a vontade Divina. Neste sentido, Jó tem o corpo coberto de chagas. No caso do Jó rosiano, que também é muito bom, “(...) era cliente, quieto, bom como o cheiro de cerveja” (ROSA. 1982: pág.81), a história de sofrimentos e provas se repete, Jó Joaquim passa por inúmeros sofrimentos e decepções amorosas devido ao comportamento da mulher-amante adúltera, e, ainda assim, não maldiz os infortúnios que Deus lhe inflige. Jó Joaquim à guisa de semelhante maldição, tem o corpo possuído por uma paixão proibida. Do mesmo modo, utiliza-se de todos os meios para afirmar que a mulher é digna de seu amor, reinscreve ditos e concepções, reconstrói valores, vira-se contra tudo e contra todos, não se preocupa com a desaprovação popular, a “alheia vigilância”. Ou seja, busca a todo o custo a felicidade. Ainda que para isso seja necessário chegar ao delírio de construir um caminho pelo avesso dos caminhos.

Na elaboração dessa personagem, Guimarães Rosa traz à cena do seu texto o que Deleuze em *Crítica e clínica* chama de escrever como um ato de arrastamento da linguagem para fora de seus sulcos costumeiros, ou seja, a escrita como espaço de delírio da linguagem. ⁴ Uma espécie da loucura de que Ulisses fora possuído, na sua consciência de que a felicidade talvez seja apenas uma busca, um questionamento que deve ser retomado a cada momento, ainda que para isso

² ROSA, João Guimarães. *Tutaméia: terceiras histórias. João Guimarães Rosa. Ficção Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. V.2, p.522.

³ Idem BRAIT, p.82.

⁴ DELEUZE, Gilles. *Crítica e clínica*. Trad. Peter Pál Pelbart – S.P. : Ed.34, 1997 p.9

tenha que se caminhar na contramão da história, das verdades acabadas. Neste caso, a sabedoria de Jó Joaquim, como a de Ulisses – “sábio sempre foi Ulisses, que começou por se fazer de louco”.(ROSA. 1982: pág.82) - é saber que o que importa é o percurso, o processo da busca.

Concluindo, poderíamos dizer que a contribuição que a literatura tem dado ao panorama do pensamento contemporâneo, tem sido o de pensar o literário como espaço de cruzamento de vários saberes. Uma rede de conexões textuais que dramatizam e não apenas referenciam a história do homem no mundo, por ele questionado quotidianamente, transformado, disformado, invertido, reinventado, recons-

tituído, como prova de sua consciência de si e do mundo. A linguagem, assim, torna-se o palco onde o drama existencial se faz, muitas vezes por uma necessidade absoluta de desconstruir o que já foi percorrido para instaurar o processo de construção de um novo homem, comprometido mais com uma leitura de si pelos fragmentos sobrados de um sujeito que foi por si mesmo desfacelado, desenredado, do que pela vã manutenção de um Sujeito absoluto para quem já não há mais possibilidade de ser, ainda que em concordância com a “alheia vigilância” de uma cidadezinha qualquer, que corresponde a um canto qualquer de um sujeito arraigado ao não-pensamento sobre si e o mundo.

Referências Bibliográficas

- ASSIS, Machado de. *Machado de Assis. Obras Completas*. São Paulo: Ed. Brasileira. 1959.
- BATISTA, João Bosco. *O tempo: uma dimensão que exprime o mistério da existência*. In *Circuito regional*, Ano I nº I, Dezembro de 2001.
- BRAIT, Beth. *Guimarães rosa. Literatura comentada*. Ed. Abril Educação. 1982.
- BÍBLIA Sagrada. São Paulo: Edições Paulinas, 1986.
- COUTINHO, Eduardo F. *Guimarães Rosa: o alquimista da palavra*. In *Ficção Completa/ Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992.
- DELEUZE, Gilles. *Crítica e Clínica*. Trad. Peter Pál Pelbart – São Paulo. Ed. 34, 1997.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Aurélio Século XXI*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- LORENZ, Günter. *Diálogos com Guimarães Rosa*. In *Ficção Completa/ Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992.
- PASSOS, Cleusa Rios P. *Desenredos em Guimarães Rosa*. In *Cult - Revista brasileira de Literatura*. Fevereiro, 2001.
- ROSA, Guimarães. *João Guimarães Rosa/Ficção Completa*. R.J. Nova Aguilar, 1994.v.2
- SARTRE, Jean-Paul. *O existencialismo é um humanismo*. In *Sartre – os pensadores*. Trad. Rita Correia Guedes. São Paulo: Nova Cultural, 1987.